


## **Encontros com Lula: espiritualidade e Polifonia**

Encounters with Lula: spirituality and Polyphony

*Sandra Albernaz de Medeiros\**

 <https://doi.org/10.29327/256659.13.1-18>

LOPES, Mauro (organização), **Lula e a Espiritualidade: oração, meditação e militância**, Curitiba, Kotter Editorial, 2019, p. 164, ISBN: 978-65-80103-70-6.

A prisão do ex-presidente Luís Inácio Lula da Silva em 7 de abril de 2018 provocou na população brasileira uma tal comoção que, com isso, nasceu a Vigília Lula Livre próxima à Polícia Federal, em Curitiba. As pessoas lá permaneceram até o momento da liberação de Lula. Diariamente, o grupo presente se manifestava saudando o ex-presidente: “bom dia, presidente Lula”, “boa tarde presidente Lula”, “boa noite presidente Lula”, atitude que muito sensibilizou o ex-presidente que, quando foi solto, agradeceu a todos os que ali estavam. A Vigília se caracterizou por um tempo de solidariedade, de paz entre os que ali estavam e de apoio espiritual. A Vigília não arredou pé durante os 580 dias nos quais Lula foi mantido no cárcere.

De acordo com Vanderlei de Almeida (2018) o atual contexto político e econômico se faz através de ataques a conquistas dos trabalhadores que resultaram em retrocessos de garantias trabalhistas, de direitos humanos e sociais. A autora considera que estas perdas fazem parte de uma crise global do capitalismo e o que se passou no Brasil com a deposição da presidenta Dilma Rousseff diz respeito a uma crise sistêmica. A prisão do ex-presidente Lula se deu neste quadro de desmonte e destruição de conquistas dos direitos dos trabalhadores. Como todos sabemos hoje, não há mais nenhuma pendência jurídica das acusações que foram feitas a Lula considerado inocente pelo Supremo Tribunal Federal e o juiz que o condenou foi julgado suspeito.

---

\* Doutora em memória social pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). E-mail: [sandra.albernaz8@gmail.com](mailto:sandra.albernaz8@gmail.com)

Este livro chegou em um momento no qual o Brasil vivia uma situação política que nos fazia e faz sofrer muito com a prisão injusta do ex-presidente Lula. Muitos líderes religiosos foram visitá-lo. O livro é composto pelos depoimentos, muitas vezes, emocionados desses homens e mulheres que foram levar a Lula sua solidariedade e apoio espiritual. Muitos esperavam encontrar um homem abatido e amargurado. Para sua surpresa viram-se diante de uma pessoa cheia de vida e de inquietações com seu povo.

Para refletirmos o livro em questão escolhemos como referencial teórico um importante conceito que Mikhail Bakhtin construiu em sua Filosofia da Linguagem: a *polifonia*. Antes de explicar melhor o conceito abrimos um breve parêntesis para lembrar que a *polifonia* já estava presente na música transcendental de Johan Sebastian Bach. Suas fugas e prelúdios nos projetam em um universo de multiplicidades sonoras e quase se pode tocar os fios musicais que se entrelaçam e conversam, em harmonia e ritmo, com melodias que se desenrolam em diálogo. Tais falas nos carregam consigo em direção ao nosso interior. Essa troca mútua configura-se naquilo que Bakhtin chama de *dialogia*.

A linguagem, em Bakhtin, tem em seu cerne a *polifonia*, que agora pode-se melhor definir. Ela traz em seu seio a multiplicidade de vozes, seja em um texto, seja nas falas, que se põem em diálogo. Dostoiévski foi tema de discussão para nosso autor que nele viu expressamente manifestações de *polifonia*, que requer um ou mais sujeitos no processo de enunciação e, por sua vez, carregam diferentes vozes e produzem transformações em um processo que jamais se conclui. Os sujeitos são enredados e, parte desse circuito infinito, no qual modificamos e somos modificados, permanecemos sujeitos da linguagem. Assim como as palavras, frases e textos têm sentidos múltiplos (polissemia), os sujeitos que as enunciam dialogicamente estão envolvidos em uma miríade de significados respondendo e reagindo a tal complexidade.

O pensamento bakhtiniano nos propõe uma compreensão para além da ideia de que em um diálogo há aquele que enuncia e um outro que responde, como se houvesse um indivíduo que age e um outro que apenas reage. Na verdade, Bakhtin nos diz que a ação e a reação são fios que se entrelaçam fazendo dos sujeitos da linguagem seus criadores e criaturas.

Pois bem, o livro que resenhamos, organizado pelo jornalista Mauro Lopes, nos convoca à reflexão sobre a temática deste dossiê, que em si, tem a polifonia

no seio da noção de espiritualidade que atravessa toda sua leitura. Talvez, fosse melhor chamá-las de espiritualidades.

O jornalista Mauro Lopes, cujo programa Paz e Bem transmitido pela TV Brasil 247, no Youtube, tem como mote a presença e escuta de diferentes perspectivas da vida espiritual e tinha como compromisso enviar as gravações de seu programa ao ex-presidente. Lula assitiu a todos. Em paralelo, Lula pode encontrar-se com os religiosos na prisão. Os textos presentes no livro foram escritos por estas personalidades. Alguns deles foram: Padre Júlio Lancellotti, Monja Cohen, Pai Caetano de Oxossi, Dora Incontri, Pastor Fábio Benzerril Cardoso, Rabi-no Jayme Fucs Bar (que veio de Israel especialmente para o encontro), Leonardo Boff. Todos os convidados, em seus depoimentos, relatam seus sentimentos e impressões. Temos, então, múltiplas vozes falando de seus bons encontros, potencializadores, como dizia Espinoza.

Em sua apresentação Lula aponta para alguns elementos centrais da espiritualidade: o amor ao próximo, seu desejo de paz, fartura e justiça para todos, a prisão como jornada para o autoconhecimento e a gratidão por todos que foram vê-lo e ouvi-lo. Ele assinala, de início, o valor das diferentes vozes lá presentes, mas falando a mesma língua. Em seguida, vemos a cópia de uma carta escrita à mão por Lula para Mauro Lopes que menciona “...temos que rezar, meditar e militar... nos movimentos sociais...” para que se encontre “... motivação e prazer na nossa existência no planeta”.

Tanto na apresentação como na carta, Lula ilumina uma discussão complexa a respeito de como se conceituaria a espiritualidade. Ele menciona importantes afetos, tais como o amor e a gratidão, objetos de debate e reflexão por parte de filósofos e psicanalistas. Mas, Lula não apenas valoriza o que se passa no plano da subjetividade. Ele aponta o importante caminho da ação, no momento em que assinala o valor da militância, substantivo que carrega em si mesmo a ideia de luta, de combate. Nestes pequenos textos estão presentes dois eixos centrais da espiritualidade e da vida: o mergulho no si-mesmo e o lançar-se no mundo para transformá-lo pela ação reflexiva e sintonizada com o trabalho interior – que podemos chamar de espírito. A ação abre portas para interações e, com isso, Lula nos mostra o quão aberto para a alteridade ele se tornou. Ele ouve as muitas vozes que o procuraram. Com isso, Lula compreendeu que “... nunca estamos verdadeiramente sós...” dando-nos pistas interessantes ao sentido que dá à sua vida neste planeta.

O Padre Júlio Lancellotti escreve, no primeiro relato do livro, fatos que ilustram uma qualidade rara nos tempos atuais: a capacidade de escuta do ex-presidente Lula que se materializava com os moradores de rua e catadores de objetos recicláveis. Lula se comprometeu a encontrar-se com estes trabalhadores todos os anos. E assim o fazia. Padre Julio enfatiza a sensibilidade de Lula com as vidas dos pobres, dos pequenos, que têm o dom de renovar a vida.

Foi à Monja Cohen que Lula pediu para ensiná-lo a meditar. Assim ela o fez. Foram momentos de silêncio, quando os dois endireitaram suas colunas e fizeram exercícios respiratórios. Ficaram mergulhados na experiência do simples apreciar o instante e do que a Monja chama de perceber a mente. Ao final, a Monja declara o sentimento de ter sido confortada por Lula e diz: “Dignidade, inteligência, bondade e abertura para o aprendizado – será que essas não são qualidades de um grande ser?”

Iyá Adriana de Nanã inicia seu depoimento afirmando que: “Refletir sobre a espiritualidade do presidente Lula é o mesmo que refletir sobre a espiritualidade do Brasil.” Neste relato ela fala sobre a ancestralidade como elemento basilar da família, já que não existe o indivíduo sem seus ascendentes.

Ori significa “cabeça do corpo imaterial” considerada sede de nosso destino, ou seja, aquilo que haveria de se realizar na Terra. Nossos caminhos são tocados por diversos fatores, fazemos escolhas a partir de oportunidades que nos são dadas ou retiradas. Uma “cabeça boa” faz melhores escolhas. Iyá Nanã entende que assim se passa com Lula e sua capacidade de resistir e superar dificuldades e desafios a que vem sendo submetido, assim como, as perdas importantes de sua esposa, irmão, neto e seu grande amigo Sigmaringa Seixas.

Iyá Nanã diz que “Lula é portador de um Ori que traz em si fortes registros dos desígnios de Olorum (Deus)”. E continua “O Ori de Lula escolhe caminhos que destacam sua sensibilidade e sua humanidade”. Ela destaca que “... a força espiritual de Lula honra sua ancestralidade e a todos os brasileiros que doaram e doam sua força vital para fazer deste país um lugar justo e humano”.

O relato do Monge Marcelo Barros tem o poético título “Nascentes de Água na Aridez do Caminho: Lula e a Espiritualidade da Delicadeza Amorosa”. Nele o Monge diz, de imediato, o que sentiu em seu contato com o ex-presidente. Ao se referir à “delicadeza amorosa”, depois de mencionar “nascentes” e “aridez do caminho” pode-se ver sua própria sensibilidade sintonizada com seu interlocutor e

nos coloca dentro de uma dimensão humana da qual estamos carentes na atualidade.

Ao percorrermos o livro em questão, com seus depoimentos diversos, vemos-nos diante da *polifonia*, tal como iniciamos essa resenha. Decidimos citar quatro dos depoimentos para ilustrar, não apenas como a espiritualidade é concebida, mas também, tendo como farol iluminador a *polifonia*, entender o quanto rica e intensa pode ser a escuta de múltiplos enunciadores. Deixamos para o leitor que se interessa pela filosofia e por processos psicossociais a fim de usufruir os demais depoimentos para imergir nas emoções e concepções generosamente expressas neste livro.

O ex-presidente Lula se mostra um homem praticante de uma ética que se sustenta em um processo de aprendizagem permanente através da meditação e da ação. Além de sua ética profundamente humana podemos, nesta leitura, nos deixar tocar pelos afetos que nos atravessam e nos fazem melhores.

### **Referências**

PIRES, Vera Lucia; TAMANNINI-ADAMES, Fátima. Desenvolvimento do conceito bakhtiniano de polifonia. **Estudos Semióticos**, v. 6, n. 2, 2010.

ALMEIDA, Ana Lia Vanderlei de. A prisão de Lula e a crença na “justiça verdadeira”: reflexões sobre o lugar do direito na reprodução da sociedade de classes. **Revista Direito e Práxis**. Rio de Janeiro: UERJ, v. 9, n. 3, 2018. pp. 1599-1620.

*Recebido em 31/01/2022*

*Aceito para publicação em 02/03/2022*